

Furto, outro problema da rede

Para melhorar o sistema de saúde, entretanto, não basta adequar a estrutura dos hospitais. Para a maior parte dos profissionais do setor, é fundamental que a população do Distrito Federal seja reeducada, para aprender a utilizar corretamente o serviço oferecido.

Em todos os centros hospitalares é comum ouvir funcionários se queixando de pacientes que carregam as roupas de cama e pijamas. Pior para a própria população, que tem o atendimento prejudicado por causa do número inadequado de peças de roupa.

“Às vezes, somos obrigados a escolher quem vai receber roupas novas, porque a quantidade de peças é insuficiente. Se furtam, então, a situação fica ainda mais difícil”, comenta a auxiliar de enfermagem Márcia Cristina Nascimento, do Hospital Regional de Ceilândia (HRC).

No Hospital Regional de Taguatinga (HRT), a situação chama ainda mais a atenção. Segundo o diretor, Joaquim Pereira da Silva, é comum os pacientes levarem as válvulas de descarga dos sanitários e as torneiras dos lavabos. “Em um hospi-

tal desse tamanho, não há fiscalização que consiga controlar tudo”, diz.

Mas não são só os furtos que prejudicam a qualidade da Saúde no DF. A cultura de se dirigir ao pronto-socorro (PS) do hospital mais próximo por sintomas aparentemente simples, sem procurar um centro de saúde, acaba superlotando as Emergências.

De acordo com o médico Lélio Queiroz, chefe do PS do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), a grande maioria dos pacientes que procuram a emergência, na

verdade, não precisariam estar ali. “Cerca de 85% dos casos não são emergenciais e têm que ser reencaminhados”, afirma. O resultado são as filas intermináveis na emergência do centro.

O secretário de Saúde do DF, Arnaldo Bernardino, acredita que será necessário uma campanha de conscientização para que esses hábitos sejam mudados. “Não se chega a lugar nenhum sem a colaboração da população”, lembra. O secretário ainda não tem uma data definida para o começo da desta campanha.